

Mauberismo e Nacionalismo Timorense

1. O mauberismo foi um termo politico para identificar o nosso povo que viveu seculos de dominacao colonial. Maubere era o termo que se dirigia ao analfabeto, ao pe-descalco e, em termos gerais, era aplicado a todos aquele que, por actos ou pensamento, denotasse falta de esperteza ou conhecimentos. 'Maubere' ou 'timor' ultrapassava as brigas entre 'firakus' e 'kaladis', que separavam o espaco das concepcoes etnicas em duas grandes divisoes, a oriental e a ocidental. Isto nao quer dizer que entre 'firakus' por exemplo, nao houvesse tambem um competicionismo de tradicoes, sejam de caracter feudal se jam meramente sociais e, por maioria das vezes, jocosas. Ai, a mesma etnia linguistica nao significava unidade. As sub-divisoes da mesma etnia dava a configuracao dos feudos que com o andar dos tempos, se uniam mais caracteristicamente sob um vinculo administrativo, imposto pelo poder colonial, a partir dos postos administrativos.

Um exemplo flagrante e o que acontecia em Uatu Lari, onde 2 dialectos diferenciavam 2 grupos etnicos que se sentiam como que um so se se tocava a fronteiras entre postos. Pois o mauberismo foi um fenomeno politico que uniu o povo timorense, ansioso por uma emancipacao. Os 'apodetis' nao poderiam conceber o termo 'maubere' ja que defendiam serem ou virem a ser indonesios. A UDT, na sua inicial opcao pela federacao a Portugal, nao podia perceber o nacionalismo, no sentido exacto deste termo-conceito.

E o termo 'maubere' define o timorense, oprimido pelo colonialismo, que desejava ser livre e dono da sua propria terra.

Eu, pessoalmente, entendi profundamente o significado e objectivo politico dado ao termo 'maubere'. Pela simples razao de que, desde a infancia, os meus pais tentavam a todos os meios separar-me das nossas origens, na ideia de formacao de uma classe de 'instruidos', de baptizados que deviam adquirir uma nova maneira de pensar e atitude mais 'civilizada'.

O tempo no Seminario (4 anos de internato) e depois a juventude em Dili, aprofundaram de certa forma esta distancia das origens.

A guerra e que me permitiu o contacto mais directo com o povo e aos poucos, conhece-lo por dentro, a espiritualidade da sua vida.

2. Na verdade, se formos a ver os primordios da historia de cada povo, reparamos que todos os povos passaram por fases de desenvolvimento e o grau das forcas produtivas e que foi transformando a maneira de pensar e a forma de conceber/ perceber o mundo e a natureza a sua volta.

Eu creio que a teoria de as nacoes modernas terem destruido todas as diferencas e heterogeneidade e correcta embora nao totalmente. O tempo e sobretudo o grau do desenvolvimento economico, actuaram na consciencia das pessoas da sociedade. As forcas produtivas determinaram em ultima instancia, um caracter e atitudes novas nas pessoas.

Eu quero com isto dizer que o nacionalismo e um sentimento comum a todos os povos. Apenas que se o nacionalismo e o sentimento basico e generalizado do apego a terra, nos povos sub-desenvolvidos esse sentimento possui uma dimensao diferente, muito mais transcendental do que a consciencia de

qualquer coisa (historica) que se possui em comum, como se ve nas nacoes modernas. Contudo, nos primordios dessas nacoes modernas, os seus ancestrais tiveram o mesmo fundamento do nacionalismo, o amor a terra.

Talvez o mesmo nao tivesse acontecido com os EUA, Canada, Australia, Nova Zelandia, Brasil, onde os europeus la chegados pensaram em estabelecer-se como donos e escolheram a separacao com os lacos ancestrais. Ai outros factores desempenharam o seu papel. Contudo, se formos a ver que nao foram os primeiros europeus chegados mas as suas geracoes, nascidas nesses novos lugares e que, por razoes fora de comum, lutaram por edificar uma nova nacao, estamos a ver uma base comum - o sentido de pertença, de possessao sobre algo: a terra, as suas riquezas, etc.

Hoje, ninguem pode por em duvida que as geracoes dos proprios escravos africanos se sentem tao americanos ou brasileiros como os descendentes dos europeus, nesse desenvolvimento que se operou na consciencia das pessoas, em quase todo o continente americano.

Pode haver quem esteja a visionar que, num futuro longo, o timorense possa vir a considerar-se indonesio, se o territorio continuar 'integrado'.

Nao estou de acordo, por varias razoes. As condicoes politicas e psicologicas sao diferentes. E a base historica e o factor principal da contradicao. Para alem disto, a nova geracao nascida dentro deste conflito e, portanto, presenciadora do sofrimento que assolou Timor-Leste passa a ser o actor da continuidade da resistencia.

A resistencia nao esta no acto, mas esta na alma, no espirito, na consciencia de cada cidadao timorense.

3. Os meus pais nunca me falaram da sua arvore genealogica, talvez mais porque a partir dos 10/11 anos passei a viver longe deles, a nao ser durante um ano em Manatuto depois da minha saida do Seminario, onde e quando as preocupacoes da vida eram ja outras.

So ja em guerra, quando passei por determinadas areas em Lakluta e Ossu, e que as pessoas me disseram que o meu pai descendia (tambem) de Dilor/Lacluta e com relacoes com Loi Huno/Ossu e que a minha mae tinha tambem lacos com Venilale. A verdade e que eu nao ligava a estes aspectos, porque sempre viviamos 'isolados' desses lacos feudais e compreendiamos-nos como uma familia descendente de agriculturas pobres de Laleia e de Manatuto.

Se 'mixed race' se refere a racas nao-timorenses, nao. Os meus pais sao descendentes de 'mixed ethnic' (racas, no final das contas tambem). Fomos educados sob a moral crista e orientados a pensar como 'civilizados', na perspectiva da nova 'elite' pos-ocupacao japonesa, da nova geracao de indigenas com calcas e sapatos.

O meu pai nao estava fixo num so lugar e creio que isto influenciou na minha maneira de ser, isto e, na falta do sentimento de apego a terra. Passei a infancia em Ossu, a adolescencia em Dare e a juventude em Dili. O meu pai sustentava a familia com uma pequena remuneracao mensal que recebia tendo sido colocado em Lacluta, Ossu, Baukau e Manatuto e o conceito de propriedade sobre um pedaco de terra, uns pes de arvores, um morro, comum na sociedade timorense, era coisa que eu tambem nao possuia.

4. Já na guerra, em contacto directo com as populações pude ir percebendo os valores tradicionais.

Na totalidade, campesina feudal, a sociedade estava ainda arreigada a uma mentalidade metafísica e a tradição cultural.

A sua vida espiritual está virada a tradição oral, que descreve a passagem dos antepassados, as guerras das linhagens das pessoas, dos locais sagrados e da relação entre o homem e a natureza.

Cada espaço da terra leva um sinal, uma presença da família que passa de geração em geração e aos poucos reconhecido pela comunidade. Um pedregulho, uma cova, um alto ou uma nascente tem uma história que vai fazendo parte da vida dos habitantes locais.

A sua vida é memorizada em tudo o que os rodeia e aí se definem as possessões e os limites, a sua vida é influenciada pela experiência prática, nos benefícios ou estragos.

Como camponeses, ainda com métodos artesanais, no acto de amansar a terra se estabeleciam os vínculos que se podem comparar ao do cordão umbilical, que une o feto à mãe.

O amor é sentido reciprocamente e apenas as intempéries da natureza podem causar perturbação nas relações.

E são estas relações que prendem as pessoas aos pedaços da terra onde despejaram o suor e onde guardam as canseiras.

Mas os vínculos ultrapassam a união terra-homem. A natureza em si é um 'habitat' espiritual. Os acontecimentos 'estranhos' são a manifestação de uma natureza amiga ou adversa. Aí as pessoas sentem uma presença superior, aí as pessoas também recebem uma força interior. O imaterial não mora em cima das nuvens, vive lado a lado com as pessoas. A natureza fala-lhe, a natureza dá-lhe benefícios ou prejuízos. O que acontece com uma pessoa generaliza-se naturalmente nas reacções e atitudes das demais e ou temem os locais ou veneram-nos. Muitos passariam a ser os locais do encontro, de comunicação entre o homem e a natureza, uma árvore, um pedregulho, um alto, uma nascente, pode atestar por gerações aqueles vínculos que se repetem e se consolidam. Repetem-se nas frequentes idas e consolidam-se na comunicação e nas oferendas.

Toda a história, toda a tradição é oral e a prática só serve para perpetuar esse aspecto espiritual.

Em todo o ritual tradicional, a menção da 'pedra e do fogo' (símbolos da lareira), a menção da 'terra e água' (símbolos da posse da terra) e a menção dos 'luliks' é imprescindível. A vinculação da existência de uma comunidade ao espaço da terra que ocupa tem como referência os feitos dos ancestrais, as origens, as guerras, o apoio do 'sobrenatural' e a posse. O apelo, a recomendação aos vindouros de que o espaço em que se vive foi produto de um longo processo de co-existência homem-natureza, que legitima a mútua posse e o desfecho de cada acto de comunhão entre o corpo e a alma do nosso povo, entre a pessoa e a natureza que lhe oferece conforto e lhe faz as anuais promessas de uma vida menos difícil.

Se, nas nações modernas, as leis garantem a posse sobre terrenos, nas sociedades tradicionais a legitimidade é 'histórica', isto é, provém do elemento temporal que se relaciona ou tem por sua vez origem em vários factores determinantes da posse.

O povo maubere tem uma vida espiritual muito forte, que o liga à natureza-

za e aos 'lulik'. A vida terrena e considerada efemera e temporaria.

O conceito de riqueza e mais tradicional do que material, a partir mesmo da avaliacao do que se pretende como 'riqueza'. A 'riqueza' esta nos objectos tradicionais que constituem o elo entre a vida material e o complemento espiritual.

O valor de um objecto provem da sua significacao em termos de origem desse mesmo objecto da natureza do acontecimento que produziu esse objecto e o caracter que pode vir a possuir no futuro e quanto mais antigo, mais venerado e o objecto.

O nosso povo extasiava-se nessa contemplacao da vida. Uma vida simples, em que as relacoes com a natureza e a terra constituem a super-estrutura do seu habitat, ao lado das reminiscencias do passado que o cla teve.

E aqui e que se explica a relutancia do nosso povo de se converter ao catolicismo. Primeiro, porque nao aceitava a descricao de um ente superior, dos brancos (= estrangeiros), ja que a sua vida estava cheia de contactos com os seus proprios 'entes superiores', indigenas como ele proprio na sua propria terra. Segundo, porque a religiao estranha ao seu habitat cortava os lacos com tudo o que era dele mesmo, com toda uma historia que lhe tem vindo a assegurar a sua razao de ser e com toda uma cultura que lhe dava o sopro espiritual a sua existencia.

As lendas assumem tres linhas do componente dessa existencia. Numa, tenta recordar os feitos de guerra dos antepassados, dos lacos que se estabeleceram entre feudos (reinos) e, nalgumas partes do territorio, onde a historia oral conserva ainda a pureza e a originalidade do passado longinquo, os primordios do estabelecimento da ilha. Noutra, a espiritualidade, numa explicacao metafisica que adorna a sua cultura e tradicoes e, na terceira, a moral e as relacoes sociais entre pessoas.

As tradicoes orais, e as autenticas sao as que sao evocadas em rituais tradicionais, sofrem como e obvio o desgaste do tempo, ja que a memoria humana tem os seus limites e varia de pessoa para pessoa.

A dominacao portuguesa introduziu-se, como nao podia de ser como o elemento mais recente e de grande impacto nessas tradicoes orais. Nelas, nao so se enaltecem os feitos heroicos dos antepassados em guerras contra os portugueses como tambem se faz mencao as mudancas provocadas nas estruturas tradicionais por imposicao do dominio portugues militar e depois administrativo.

Os reinos com os seus chefes tradicionais, foram obrigados a novos lacos historicos, que criaram raizes fazendo parte das suas tradicoes.

Tendo ganho as guerras e subjugado os reinos, os portugueses fizeram estabelecer novas relacoes de vassalagem entre os reinos, todos submetidos obviamente ao seu dominio colonial. E aqueles novos vinculos fizeram nascer um tipo de alianca entre um determinado numero de reinos. Um exemplo que eu conheco porque me contaram na guerra e o reino de Vemasse ter uma ascendencia sobre Venilale, parte de Ossu, Kelikai, Uato Lari, Uato Karbau, Baguia e Iliomar, numa esquisita configuracao geografica, onde persistem 5 linguas diferentes, o mesmo teria acontecido noutras partes.

Dizer-se que o nacionalismo foi produto puro da invasao, e negar que o povo maubere se tenha insurgido uma vez que fosse contra a presenca dos portugueses, e negar todas as insurreicoes havidas ate 1919 e as aliancas produzi-

das entre reinos para combater os portugueses.

Tendo-se em conta que 1919 foi a ultima insurreicao registada que 'acabou' com a resistencia, nao se deve esquecer que de 1943/45, Timor-Leste foi invadido e ocupado pelos japoneses. E seja como for que se explique a insurreicao de 1959, nao se deve portanto fazer conclusoes de que o povo timorense era um povo (verdadeiramente) passivo, sem ideais, sem valores, sem uma identidade.

Se compreendemos que as continuas guerras independentistas nao se desenvolveram ininterruptamente por causa do elevado numero de mortes apos cada insurreicao, que levava anos, podemos tambem entender que de 1919 a 1943-45, o intervalo de anos nao foi bastante para um aumento populacional consideravel. Mas 14 anos depois, aconteceu outra insurreicao, embora pequena.

O nacionalismo e fundamentalmente a consciencia dos habitantes de um determinado territorio de serem eles 'os donos desse territorio!'. O nacionalismo, claro, e um fenomeno milenar que veio ganhando sentidos cada vez mais complexos e as formas de expressar esse sentimento variam em diferentes epocas, momentos concretos e lugares.

O colonialismo portugues deixou vivas as diferencas, em termos etnicos, nos diferentes reinos, contudo o sentimento comum pelo mesmo dominador colonialista persistia em cada timorense.

Sempre nos referimos a falta de unidade entre os diversos reinos e a desigualdade de armamento como os factores que levaram as sucessivas derrotas com os portugueses. No decurso dos anos que se tornaram seculos, as relacoes de dominado pelo mesmo dominador tornaram-se o denominador comum para os diversos reinos, constituindo-se num componente das suas manifestacoes culturais e um elemento historico na sua existencia.

O estadio ainda das relacoes feudais da sociedade timorense de entao mantinham, como e obvio, diferentes ambicoes entre os reinos. Eu penso mesmo que, so depois da ocupacao japonesa, e que o caracter administrativo da dominacao portuguesa foi diminuindo aos poucos essas diferencas entre reinos e depois da insurreicao de 1959, o aumento da presenca militar e uma accao psico-social desenvolvida pelo governo portugues conseguiram eliminar totalmente a concepcao de feudos, em termos de espaco. E essa concepcao (de feudos)/reinos) actuava mais simplesmente nas manifestacoes culturais, sendo embora um aspecto da existencia diaria que marcava a maneira de ser e de comportar-se do nosso povo. Logo depois do 25 de Abril de 1974, o nosso povo (que, de reinos 'independentes' se unificou em uma colonia portuguesa), viu respondidas as suas aspiracoes historicas e aos seus anseios de liberdade. Aconteceu varias vezes que se o Presidente da Fretilin ia como o governador (colonialista) para os concelhos, o nosso povo recebia o Presidente da Fretilin com todas as honras em detrimento do governador.

A invasao indonesia tornou mais forte essa percepcao e o sentimento de 'colonia portuguesa' ficou mais vivido. Oe-Kussi, por exemplo, que possui relacoes mais proximas com a parte de Timor-Ocidental e nao sofreu as durezas da invasao, nao se sentiu como que 'lucky' por isso mesmo, pelo contrario, a populacao de Oe-Kussi chorava o drama que os seus irmaos sofriam e, logo que puderam, organizaram-se e comecaram a participar na luta.